



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MARIANA LOZZI TEIXEIRA

Memorial de Projeto de Pesquisa

A dois metros do chão

Retrato da loucura no Distrito Federal

Brasília

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MARIANA LOZZI TEIXEIRA

Memorial de Projeto de Pesquisa

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como componente parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago.

Brasília

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MARIANA LOZZI TEIXEIRA

MEMORIAL DE PROJETO DE PESQUISA

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (FAC/UnB)

Examinador

Prof. Dr. Wladimir Gramacho (FAC/UnB)

Examinador

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (FAC/UnB)

AGRADECIMENTOS

É desafiador elencar todas as pessoas que me ajudaram neste processo de alguma forma, seja me inspirando desavisadamente, seja me lembrando da aproximação do prazo de entrega ao dizer: “Corre com isso, menina, larga de enrolar!”. De qualquer forma, começo pelos meus pais, que são pessoas maravilhosas das quais herdei todas as minhas qualidades (os defeitos contraí por acidente, como resfriado que se apanha por descuido). Meu pai, Antônio, me mostrou o que é paixão pelo ofício e, com uma ética de trabalho invejável, nunca começou uma tarefa sem que tivesse garantido a ela comprometimento total, assim como infundável curiosidade. À minha mãe, Silene, tenho uma lista longa de agradecimentos para dedicar, mas, por enquanto, me contentarei em dizer que foi ela quem melhor me mostrou o significado de empatia, assim como de perdão e humildade. Tive a sorte de nascer nos braços de uma família carinhosa que sempre me aceitou como sou (avoadada e propensa a me acidentar) e me ensinou o valor do riso.

A sorte também não me abandonou quando foi chegada a hora de escolher o orientador, alguém que eu sempre admirei pelo amor que nutre pela literatura, além de entendimento profundo das palavras. O professor Paulo Paniago nunca falhava ao, toda quarta-feira pela manhã, devolver-me um punhado de páginas rasuradas até as margens, povoadas com perguntas essenciais para o amadurecimento do livro. Agradeço à minha irmã Júlia pela diagramação inteligente e criativa – nunca duvidei do seu talento, afinal, ela sempre me vencia nos jogos de cartas.

Dedico este trabalho às fontes da reportagem, pessoas que confiaram suas histórias e acreditaram na importância de falar sobre temas que incomodam, são rotulados de inconvenientes, e, por isso, a maioria das pessoas costuma evitar. Maria Clarice Gomes e Henrique Aranha foram calorosos e receptivos desde o primeiro encontro, dividiram comigo seus poemas, pensamentos íntimos e se revelaram amigos que gostaria de manter por toda a vida. Maria Dulce de Souza Leão cruzou meu caminho como um presente e sempre se mostrou disposta a cavar espaço na agenda concorrida para falar sobre o irmão que tanto ama e cuja escrita me encantou.

Ao longo da vida agreguei, sem perceber, pessoas criativas e irreverentes ao meu redor, que são, para mim, uma segunda família (apesar de a primeira também ser fantástica). À Mariana Vieira e Fabiane Guimarães um sincero “obrigada” pelas tardes e noites rascunhando papéis ao lado de ampulhetas, pelas conversas acaloradas, por sermos capazes rir, assim como de discordar, e pelas vezes em que me resgataram de mim. Para Daniel Botega também vai um obrigada, por ter me ensinado a interpretar sonhos e ver imagens nas cascas das árvores. À minha avó Maria todo amor do mundo, por ser a pessoa mais doce e completa que eu conheço. O apoio de meus irmãos João Carlos e Luciana também foi indispensável nessa etapa, assim como o amor dos meus quatro sobrinhos lindos. Meus primos, Paulo Afonso e Thaís, foram meus primeiros companheiros de aventura, e as brincadeiras que arquitetamos na infância com gana de conquistar o mundo nunca deixarão meus pensamentos, nem minhas ações. Em tudo que eu fizer, ainda vai haver uma criança que me diz para sonhar fundo, bem fundo, porque a vida pode ser uma praia e, a felicidade, o mar.

RESUMO

Este projeto se trata de um livro reportagem sobre a saúde mental no Distrito Federal. A análise é ambientada após o fechamento de quase todos os hospitais psiquiátricos da capital federal, a partir de 2001. O trabalho pretende situar a unidade administrativa no panorama nacional e esclarecer quais atores ou circunstância colaboraram para a que a região adquirisse as particularidades que hoje determinam o desenvolvimento da área. Além do caráter situacional, o livro apresenta relatos de pessoas com psicoses e, por meio de perfis, promove reflexões com diferentes perspectivas sobre o fenômeno da loucura, assim como o papel da arte no tratamento de psicoses.

Palavras-chave: loucura, saúde mental, psicoses, surto, hospital psiquiátrico, esquizofrenia, arte.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	08
2. Justificativa.....	10
2.1 Do tema.....	10
2.2 Do formato.....	12
3. Problema de pesquisa.....	15
4. Objetivos.....	17
5. Referencial teórico.....	18
5.1. Numérico.....	18
5.2. Situacional.....	19
6. Metodologia.....	21
7. Loucura e arte.....	23
8. Aproximação das fontes.....	26
9. Documentos e fotos.....	28
10. Considerações finais.....	29
11. Referências bibliográficas.....	31

1. Apresentação

Esta reportagem introduz o leitor à complexa realidade dos transtornos mentais no Distrito Federal (DF) e, assim, convida-o a espreitar fechaduras e a transpor portas que, por tradição, mantiveram-se fechadas. Tema até hoje rodeado por aura de mistério, a loucura, apesar de tão antiga quanto são os homens, ainda é capaz de despertar reações como estranhamento e aversão, pois ocupa no imaginário coletivo um lugar no qual medo e fascínio se cruzam. Com população de aproximadamente dois milhões e oitocentas mil pessoas, o DF, segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde (OMS), teria cerca de 85 mil cidadãos com transtornos mentais severos e persistentes, que atingem 3% do contingente populacional do mundo. O desenvolvimento deste trabalho mostrou, porém, que demanda e serviços não se equiparam quando o assunto são transtornos mentais e que, dentro de um sistema de saúde em crise, a área está longe de ocupar um lugar prioritário aos olhos da conjuntura nacional de políticas públicas.

Apesar de jovem, o sistema de saúde da capital federal funciona a custo, repleto de chagas herdadas do Brasil arcaico, cujo passado colonizador de matriz exploratória reverbera até hoje em diversos setores da sociedade. Com a saúde não seria diferente. A área é bombardeada por problemas de ordem estrutural e dificuldades que, segundo especialistas entrevistados na reportagem, são mais crônicas que os diagnósticos dos pacientes que ainda vagam pelos corredores de hospitais psiquiátricos.

Apesar de ser o palco onde são tomadas as decisões políticas, Brasília não está à frente dos demais estados e municípios brasileiros no que diz respeito à execução e implantação das políticas públicas para pessoas com transtornos psíquicos. Pelo contrário, no DF, a saúde mental carece de socorro. Os dados colhidos durante a reportagem indicam uma realidade preocupante cujos atores são entraves burocráticos, recursos para compra de materiais paralisados, Centros de Atenção Psicossocial (Caps) que funcionam com até 185% da taxa limite de ocupação, carência de recursos humanos, dificuldade de articulação entre gestores e isolamento dos serviços dentro das comunidades. Prejudicada por dificuldades que independem da vontade de minimizar o sofrimento psíquico, a população do DF se vê, deste modo, desamparada.

A implementação de medidas que visavam a proteção dos pacientes de clínicas e hospitais psiquiátricos foi concretizada em vias legais somente em 2001, com a aprovação da Lei Nacional 10.216, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica, apresentada pelo então deputado federal Paulo Delgado (PT-MG). Resultado de mais de dez anos de articulação entre os interesses públicos e privados, a aprovação da lei tinha valor simbólico imenso dentro do contexto da luta antimanicomial, porque estipulava o fechamento progressivo de manicômios em todo território nacional, assim como estabelecia diretrizes de criação e implantação de serviços de saúde substitutivos.

Antes, porém, que o ano de 2001 entrasse para a história da saúde mental no Brasil como a data em que o Congresso aprovou uma lei que contrariava interesses de empresários e de políticos que se beneficiavam com o modelo antigo (centrado em atendimentos hospitalares e tratamentos despersonalizados, que, por sua vez, eram baseados, sobretudo, em uso abusivo de medicações) muita coisa transcorreu. Desde a criação do ramo de terapia ocupacional acompanhado das contribuições científicas da psiquiatra alagoana Nise da Silveira na década de 1940 até o estopim dos clamores por tratamento humanizado em instituições psiquiátricas na década de 1970, várias foram as lutas que tomaram palco.

Esta é uma história que foi narrada por diversas vozes, que se passa em diferentes lugares, épocas e cuja espinha dorsal são relatos de pessoas em sofrimento psíquico, assim como de seus familiares. O elemento humano ganhou ares de protagonismo, para que a complexidade do tema não ficasse restrita a levantamentos quantitativos, apesar de estes também terem se mostrado fundamentais. Mais do que assimilar dados, concluí que o humilde esforço de compreensão se faz necessário aqui, esforço esse que só é convertido em entendimento quando exercitamos a empatia. A capacidade de questionar e se colocar no lugar do outro, de mergulharem realidades alheias de peito aberto e de, quando for necessário, indignar-se, motivaram a apuração de *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal*. Histórias desenterradas, relatos íntimos e informações que dizem respeito a milhares de pessoas se mesclam na tentativa de ilustrar uma questão que pede, além da boa vontade e interesse do leitor, sensibilidade. Percorrer as pontes que nos separam dos outros é um ato de coragem, assim como lutar para que as atravessemos juntos.

2. Justificativa

2.1 Do tema

Refleti a respeito de transtornos mentais pela primeira vez na literatura, mas não foi como doença que compreendi o tema de imediato. Nas páginas que percorria com olhos aflitos, o delírio era antes um modo de estar no mundo, um grito, uma angústia que rasga os órgãos, que uma patologia que prescinde de diagnóstico e medicação. O sofrimento psíquico adquiriu, para mim, uma naturalidade tremenda, apesar de as narrativas que tinham como foco a loucura não perderem a capacidade de me impressionar pela autenticidade e pujança.

O fascínio por diferentes estados de consciência, muitos dos quais não operam por meio da lógica conhecida – entregues a outros sistemas de compreensão da realidade, esquivos da moral comum – sempre esteve presente em mim, assim como a vontade de entender como se sente uma pessoa que é considerada doente mental e como ela lida com o estigma da doença, tendo em vista o peso simbólico que um diagnóstico pode adquirir dentro de um meio que rechaça aquilo que lhe é estranho. O amadurecimento da impressão só aconteceu mais tarde, com o ingresso na Universidade de Brasília (UnB) e o contato com as áreas de psicologia e artes plásticas.

Durante os últimos semestres da graduação, não tinha ideia do que iria propor à banca avaliadora do projeto, mas queria que fosse algo que conversasse comigo a nível pessoal, pelo qual eu me interessasse sem esforço e que faria independente da aprovação. Queria me aprofundar no tema a ponto de conhecê-lo como se aquilo tivesse sido, a todo momento, minha vida.

O jornalismo como forma de imersão em outras realidades foi o que me fez optar pela profissão, a ideia de quebrar a ordem conhecida e me submeter a outras culturas e maneiras de estar no mundo (nem todas aprazíveis, evidentemente) me encantava, porque prescindia das capacidades de escutar e de observar, desafiadoras e indispensáveis no ofício. Como a escritora Eliane Brum deixa claro no livro *O olho da rua*,

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM, 2008, p. 11)

O impulso primário desde a concepção da ideia no esboço mais simples era de compreender. Compreender como se sentem e quais são as lentes que pessoas diagnosticadas com transtornos mentais usam para ver o mundo, com respeito à individualidade de cada fonte. Compreender as causas do receio que ainda existe em torno da loucura, assim como o fetiche (ou fascínio) que o tema, explorado exaustivamente na ficção e, principalmente, no audiovisual, desperta nas pessoas.

A prática de internação, que pressupõe o isolamento do indivíduo do meio social, tem forte carga simbólica tanto para os que estão do lado de fora das instituições quanto para aqueles cujos passos são interpelados por paredes e muros. A falta de convivência dessas pessoas com a sociedade contribui para uma espécie de distanciamento coletivo de maneira atípicas de agir e processar a realidade que, por sua vez, geram estranhamento e podem ocasionar em discriminação de indivíduos que estão ‘às margens da normalidade’. Deste modo, os municípios e cidades se desenvolvem a medida que é reforçada a intolerância às diferentes formas de se organizar e de estar no mundo.

Era-me incômoda a ideia de que a alienação sobre transtornos psiquiátricos contribuísse por reduzir as fronteiras dos pacientes ao terreno das instituições nas quais foram confiados. Meu ideal heroico de reportagem era mostrar que doentes mentais são parte legítima da sociedade e, assim como seus demais habitantes, têm direito a expressar opiniões, ideias e sentimentos irrestritamente.

O projeto inicial do livro surgiu como tentativa de capturar relances dos universos individuais permeados de significado que cada um dos pacientes internados em instituições de saúde mental carrega dentro de si. Uma pessoa, ao atravessar as portas de um hospital psiquiátrico, seja ele qual for, não tem sua existência resumida ao momento da internação. Cada um dos pacientes têm famílias, interesses particulares e histórias que não podem ser ignoradas a despeito de diagnósticos. Um dos objetivos da reportagem, portanto, era desvendar os motivos por trás do receio de lidar ou de conviver com os ditos loucos por meio de uma imersão no único hospital psiquiátrico público do DF que ainda trabalha com internações, o Hospital São Vicente de Paulo (HSPV).

O plano de me imiscuir à rotina nas alas de internação do HSPV foi, porém, abortado devido a entraves burocráticos. A convivência com os pacientes – aspecto que eu mais almejava – foi barrada pela diretoria do hospital, que permitia apenas breves entrevistas via

autorização da Secretaria de Saúde do DF. Diante da impossibilidade de ter o Hospital São Vicente de Paulo como campo único de apuração, o terreno da reportagem se ampliou e passou a abranger todo sistema de saúde público da capital federal. A ideia era conhecer os principais serviços, conversar com gestores e pacientes, colher dados para que fosse possível descrever um panorama da situação atual. Apesar das mudanças na maneira com que o fato jornalístico seria apresentado ao leitor, o foco do trabalho continuou sendo o indivíduo e, sua intenção motivadora, a tentativa de compreensão de diferentes formas de ser e estar no mundo.

2.2 Do formato

A justificativa de livro reportagem como formato do trabalho esbarra na necessidade de aprofundamento do tema, que se beneficiaria de detalhes e sutilezas na escrita, maneiras de aproximar o leitor de realidades complexas, por vezes conflitantes, e que exigem dele a empatia, colocar-se no lugar de outro. Segundo o conceito utilizado por Eduardo Belo em *Livro-reportagem*,

É possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas 12 características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa também a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa. (BELO, 2006, p. 41).

O processo de se apropriar de realidades diversas através da leitura, mesmo que em movimentos delicados, quase imperceptíveis, não exige apenas a imersão do repórter, mas do público. Na definição do jornalista Edvaldo Pereira Lima, livro reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude maior que o tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos (LIMA, 2004). O jornalista também defende em sua obra que, no livro reportagem, os aspectos extensivos (relacionados ao tamanho e a quantidade de informações que o trabalho aborda) e intensivos (de natureza subjetiva que não pode ser quantificada, faz alusão ao mergulho do repórter em

outra realidade e à sua capacidade de registrar movimentos que dizem respeito a verdades íntimas e individuais, que têm muito a ver com o tipo de fascínio que esse gênero exerce sobre o público) trabalham juntos para promover veracidade e verossimilhança. Em *A prática da reportagem*, Ricardo Kotscho aponta:

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2007, p. 71)

A linguagem utilizada foi condizente com as propostas do *New Journalism*, movimento que se passou nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e influenciou o papel da reportagem, grande reportagem e livro-reportagem como os conhecemos hoje. O texto que se produzia na época possuía requintes de literatura e era marcado por traços referentes às vidas dos personagens por meio de detalhes que reafirmavam identidades bem delineadas, de maneira análoga a forma como personagens são construídos no universo ficcional.

Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e observação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: Imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. (LIMA, 1998)

O esforço de caracterização, porém, não corria solto como acontece na literatura, onde não existe a responsabilidade com a realidade pré-existente de indivíduos ou grupos. No jornalismo literário, os elementos descritivos respondiam a necessidade de promover mergulhos plenos na subjetividade buscando transmitir informação através de nuances e de detalhes reveladores. Nessa modalidade jornalística a linguagem pode ser explorada com mais liberdade que no modelo *hard news*, mas, apesar da aparente flexibilização, jornalismo e literatura precisam estar em sintonia. Ou seja, a esfera literária permite a criação de inúmeras situações – reais ou não – enquanto a observação jornalística se prende à clareza dos fatos e à veracidade das informações. Sergio Vilas Boas diz:

Não é a supra-realidade literária que interessa ao jornalismo. O que interessa é a precisão, pois tudo que se escreve em jornalismo deve ser verificável,

comprovado na realidade imediata. A realidade do jornalismo se aproxima, então, de uma literatura não exatamente ficcional. (VILAS BOAS, 1996, p.59) Mais adiante o autor continua: Em literatura, a língua pode servir para fins teóricos ou estéticos. Em jornalismo, não. O jornalista não pode acrescentar aos personagens de uma reportagem uma projeção pessoal. Os personagens em jornalismo são fato. (VILAS BOAS, 1996, p. 63 e 64)

Visto que a reportagem *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal* é, antes de tudo, uma tentativa de compreensão da subjetividade de pessoas portadoras de psicoses, a linguagem utilizada no livro não pode se bastar em manuais de redação ou em preceitos que norteiam relatos de acontecimentos pontuais. É necessária liberdade descritiva e interpretativa sem, entanto, apropriar-se de uma realidade na qual o repórter não passa de (humilde) convidado.

3. Problema de Pesquisa

Inserida em um sistema de saúde nevrálgico e complexo, a pasta de saúde mental assume, dependendo da região, gestão ou época, características diferentes. É impossível falar de bem estar de usuários do Sistema Únicos de Saúde e de Centros de Atenção Psicossociais (Caps) sem ter em mente um quadro geral da saúde no Brasil. No decorrer da reportagem, o leitor compreende que uma simples pergunta se amplia em uma série de questionamentos que, por sua vez, geram mais indagações, que pedem comprovação por meio de números, índices e pesquisas. Estes nunca serão, porém, finais ou definitivos, porque sempre é possível buscar mais detalhamento, assim como é possível (e prudente) questionar os frutos da apuração, até que a reportagem atinja nível de profundidade elevado.

A problemática que foi espinha dorsal do trabalho é composta por dois eixos principais: compreender como o DF se situa dentro do panorama brasileiro de saúde mental (que, por sua vez, está inserido no amplo espectro da saúde como um todo) e identificar as características congênitas da unidade federativa, como ela opera e através de quais normas e mecanismos se dá sua autorregulação. Depois de superadas as primeiras etapas – que se mostraram dispendiosas – foi preciso acusar eventuais irregularidades no funcionamento dos serviços, com o intuito de contribuir para o aprimoramento das instituições. Neste processo, duas perguntas recorrentes surgiram: “O que deu errado?”, “Por que deu errado?” e “O que deveria ser feito para reverter a situação?”. Estas perguntas, que são tão simples quanto difíceis de responder, fiz sempre que possível.

Os dados são, sem dúvidas, um aspecto crucial de *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal*, à medida que uma reportagem só adquire relevância social quando diz respeito a uma pluralidade de indivíduos. Não obstante a urgência da vertente investigativa, as situações apontadas por números não passariam de algo distante, frio e analítico para o leitor caso o livro fosse desprovido de caráter humano. Foi necessário, deste modo, ilustrar as situações averiguadas através de apuração e, mais que isso, convidar o leitor a mergulhar em outras realidades, o grande diferencial das grandes reportagens no escopo jornalístico.

Os relatos coletados no livro têm finalidade de apresentar os personagens como pessoas cujas vidas não se restringem a diagnósticos e cujas identidades ultrapassam as experiências em clínicas e hospitais psiquiátricos, ou os traumas vividos em momentos de surto. A confiança que foi depositada no trabalho por cada pessoa que compartilhou

pensamentos e emoções íntimas ao falar de si ou de parentes e amigos é a maior conquista do livro.

Os personagens que conduziram a história narrada em *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal* tiveram suas percepções de mundo compartilhadas por meio de perfis. Conforme Sérgio Vilas Boas esclarece em seu livro *Perfis e como escrevê-los*, durante o período em que a revista brasileira *Realidade* fez mais sucesso no país, de 1966 a 1968, os jornalistas podiam passar até mesmo semanas com as pessoas que precisavam entrevistar, com o objetivo de presenciar cenas dramáticas e fornecer um retratado detalhado, com descrições minuciosas.

A imersão descrita por Vilas Boas foi fundamental para introduzir as fontes no texto, pois, através da observação e da convivência, elas deixaram de ser meros receptáculos da informação e demonstraram sua individualidade, em aproximação dos leitores. O livro foi construído por meio de histórias pessoais, personagens perfilados e de análises de agentes informativos dentro do sistema de saúde mental. Além disso, o produto conta com entrevistas de psicólogos, psiquiatras e de um artista plástico. A diversidade de discursos e visões sobre um único problema, por mais complexo que seja, foram as ferramentas utilizadas para apresentar ao leitor um retrato da saúde mental no DF, acusar incoerências e incompatibilidades entre legislações e a prática dos serviços e narrar perspectivas pessoais moldadas pelo convívio com psicoses.

4. Objetivos

Ao se debruçar sobre um determinado tema, o jornalista pretende promover transformações naquela realidade, contribuir para que, como passar do tempo, sejam garantidas melhorias e que incoerências acusadas sejam esclarecidas. No livro *A vida que ninguém vê*, a jornalista gaúcha Eliane Brum reúne uma série de reportagens que retratam pessoas anônimas da cidade de Porto Alegre de forma humanizada. *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal* compartilhou o intuito de aproximação dos personagens, de imersão em suas histórias, pois se debruça sobre o cotidiano de pessoas com transtornos psiquiátricos e apresenta a perspectiva delas sobre algo com o qual convivem diariamente. É um movimento de aproximação que acontece de dentro para fora, porque, uma vez que o vínculo entre leitor e fontes é formado, dados deixam de ser apenas números e passam a representar uma realidade que adquire contornos nítidos e para qual não se pode mais olhar com frieza e distanciamento.

Ao longo da reportagem, incoerências nos discursos de gestores e figuras públicas envolvidas com o setor de saúde mental são acusadas, mas não é nas denúncias que o trabalho extrai seu valor intrínseco, apesar de essas serem elementos de transformação da realidade. O tratamento humanizado em relação ao tema foi o primeiro e o maior objetivo da reportagem, no intuito de desmistificar a loucura no imaginário coletivo e apresentá-la como maneira de estar no mundo. A naturalização de um assunto “marginal”, ainda cercado por preconceito incompreensão, permite que o leitor entenda que as lutas que as pessoas diagnosticadas com transtornos mentais travam diariamente não são exclusivas dela, mas dizem respeito a todos.

Além de tentar responder o maior número de perguntas possíveis no tempo e espaço hábeis, *A dois metros do chão: Retrato da loucura no Distrito Federal* pretendia que as lacunas em branco instigassem aqueles em contato com a reportagem a tentar respondê-las, a se questionar a respeito delas e, principalmente, a se indignar. Apesar de pretensiosa, a vontade que moveu o projeto foi de contribuir para que mudanças fossem feitas e que a reportagem servisse como ponto inicial de desenvolvimento de políticas públicas que um dia garantissem, para as 85 mil pessoas que convivem com transtornos mentais graves e persistentes no DF, tratamento digno e humanizado.

5. Referencial Teórico

5.1 Numérico

Coletar dados que ilustrassem o panorama da saúde mental no DF foi, sem dúvidas, a parte mais desafiadora do trabalho. Para perguntas simples referentes a verbas de manutenção de serviços de saúde públicos, número de funcionários nas instituições pertencentes ao Sistema Único de Saúde (SUS) e quantidade de Centros de Atenção Psicossociais as respostas eram diversas, por vezes, conflitantes. O tema foi, porém, abordado em uma imensa gama de trabalhos de dissertação de mestrado e doutorado, que, apesar de se debruçarem sobre épocas diferentes e selecionarem focos distintos, contribuíram com informações indispensáveis.

O documento *Saúde Mental em Dados*, desenvolvido pelo Ministério da Saúde, pela Secretaria de Atenção à Saúde, pelo Departamento de Ações Programáticas Estratégicas e pela Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas em 2011 foi uma das principais fontes relativas ao panorama nacional. O trabalho tinha o objetivo de fazer um levantamento sobre as transformações na área durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) e, desde então, nenhum estudo parecido foi divulgado. O relatório *Como anda a Saúde Mental na capital do país? Uma amostra da realidade da Rede de Atenção Psicossocial do Distrito Federal* atuou como paraquedas em momento de queda livre, porque só tive acesso a ele poucos dias antes do prazo de entrega da reportagem se esgotar.

Fora da esfera digital, as demais informações foram sugeridas durante as entrevistas e checadas minuciosamente. Muitas vezes, a fonte fazia referência vaga a um determinado indicador e, de maneira despretensiosa, apontava caminhos que me levaram a descobertas diversas. Relacionar os relatos pessoais a dados concretos sobre o panorama de saúde mental da capital foi um dos momentos mais gratificantes do processo, porque só então eu entendi que o DF é, de fato, território de descaso e irregularidades. Neste quesito, meu único pesar reside no fato de não ter tido mais tempo para me aprofundar nos dados colhidos e detalhar cada número exposto.

5.2 Situacional

No livro *O cemitério dos vivos*, Lima Barreto convida o leitor a se aproximar dos manicômios por meio de um potencial literário descomunal. Um relato vivo e ácido que descortina cenas angustiantes de maus tratos e descaso com a vida humana foi o presente do escritor para o país em uma época na qual aqueles que vagavam nos corredores de instituições psiquiátricas eram destituídos de voz. Afora a obra, *O alienista*, de Machado de Assis, promove uma reflexão inédita sobre o que seria a loucura e de por meio de quais mecanismos ela se manifesta em cada um dos homens.

Obras como as dos dois mestres da literatura brasileira citados acima foram o referencial mais importante no que tange a compreensão da carga simbólica e cultural que instituições como aquela em que Lima Barreto ficou internado carregam. Como conclui Paulo Amarante, no livro *Psiquiatria social e colônia de alienados no Brasil (1820-1930)*:

[...] O hospício delineia uma etapa na qual é definido um espaço de reclusão específico para a medicina mental exercitar a sua prática, a reclusão do louco, e um saber sobre a loucura. Embora a presença do médico seja, neste primeiro momento, fugaz, descontínua e auxiliar; embora o médico não tenha uma formação teórica que se pode caracterizar como sendo alienista, o hospício define o lugar da ação social sobre o louco, e o lugar da produção científica sobre a loucura. Isolar para conhecer; conhecer para intervir. (Amarante, 1982, p.17)

Deste modo, a experiência de segregação e reclusão vira o ponto de partida para compreender o que os hospícios representam dentro de um determinado meio social. Graças à curiosidade a respeito das consequências psicológicas e emocionais que a internação teria sobre o paciente foi possível transpor uma análise pautada em dados e indicadores ‘frios’ e peregrinar por histórias que exigem interesse pela vida humana.

O livro *Esta valsa não é minha*, de Zelda Fitzgerald, foi escrito durante uma internação em hospital psiquiátrico como exercício criativo. De uma atividade que Zelda concordou em participar por recomendação médica nasceu um romance sensível e engenhoso que, feito sem a pretensão de render à autora dinheiro e prestígio, representou uma contribuição artística de peso. O exemplo da esposa do escritor americano F. Scott Fitzgerald demonstra o poder de exercícios criativos no tratamento de psicoses, outro ponto abordado em *A dois metros do chão: Retrato da loucura no DF*.

Apesar de ter tido peso decisivo na hora de escolher o tema do trabalho e como ele seria abordado, a literatura não foi fonte única de conhecimento a ser explorado. Livros, artigos e dissertações nas áreas de psicologia, psiquiatria e psicanálise foram referências infalíveis no exercício da tarefa primordial do jornalista: informar o leitor. Apesar da superficialidade do aprendizado – devida a vastidão e profundidade dos temas e assuntos abordados – o estudo teórico conferiu à reportagem credibilidade de pesquisa, além de ter trabalhado no sentido de situar o leitor na narrativa e aproximá-lo das vivências de portadores de transtornos mentais.

No livro *O que é a loucura?*, do psiquiatra Daniel Leader – a primeira obra com que entrei em contato depois de optar pelo tema, e que me fascinou desde o primeiro capítulo – o autor trabalha para desmistificar o lugar que a loucura ocupa na sociedade e, assim, fazer com que os leitores compreendam que a linha que separa delírio e sanidade é tênue, e qualquer um pode ultrapassá-la. A ideia mais defendida pelo médico é que a bagagem pessoal (ou biografia) do paciente deve ser respeitada e compreendida como fonte de riqueza inesgotável, afinal, nela se escondem as causas dos sintomas das psicoses.

Por mais válidas que acreditemos serem essas concepções da doença e da saúde, certamente devemos levar a sério a vida íntima e as crenças de cada pessoa e evitar impor-lhe a nossa visão de mundo. Essa é a diferença entre a higiene mental, na qual sabemos de antemão o que é melhor para o paciente, e a psicoterapia, na qual não o sabemos. É fácil perder de vista a violência que entra em jogo aqui, mas ela se faz presente toda vez que tentamos esmagar o sistema de crenças de um paciente, impondo-lhe um novo sistema de valores e políticas. Poderíamos contrastar isso com uma abordagem que busca não os erros, mas a verdade de cada relação da pessoa com o mundo, e o esforço para mobilizar o que há de particular na história de cada um, a fim de ajudá-lo a se engajar novamente na vida: não para adaptá-lo a nossa realidade, mas para descobrir em que consiste a dele e de que modo isso lhe pode ser útil. (Leader, 2013, p.34)

6. Metodologia

Confesso que iniciei a apuração da reportagem com atraso considerável, em fevereiro de 2016, mas, a partir da conversa com as primeiras fontes, o processo se mostrou rápido e autogerado, pois cada entrevista sugeria referências que levavam a novos sítios de informação. A partir do momento em que entrei em contato com a organização não governamental (ONG) Inverso, o tema se mostrou possível porque, até então, a ideia inicial do projeto havia sido frustrada pela impossibilidade de ficar internada no Hospital São Vicente de Paulo em experiência de imersão, como era almejado.

Iniciei o livro com o tempo hábil de três tardes durante a semana e os finais de semana para apurar, o que configurou uma agenda favorável. Apesar das tardes desocupadas, o começo foi difícil e dispendioso, porque não sabia quais instituições deveria visitar primeiro, com quem falar, quais perguntas fazer e conhecia muito pouco sobre a realidade de saúde pública direcionada para transtornos mentais. Adquiri as noções mais básicas prestando atenção nas declarações das fontes das primeiras entrevistas, em especial, nas da vice-diretora do HSPV, Vanessa Luís e nas do gerente do Caps do Paranoá, Ricardo Alves, cujas aspas foram nascentes generosas de informação que eu só viria a compreender pouco antes de concluir a escrita do projeto.

No final do mês de abril, o contato com Maria Dulce de Souza Leão, irmã do escritor Rodrigo de Souza Leão (um dos personagens mais significativos da narrativa) inspirou-me a me dedicar integralmente ao trabalho, visto que havia desistido de entregá-lo dentro do calendário semestral. A partir desse ponto, a escrita começou a fluir, inspirada pela proximidade do *deadline* e pelo medo de entregar um relato superficial, cuja espinha dorsal configurava em vértebras estilhaçadas.

Leiga no assunto e desprovida de contatos, a ajuda das fontes foi essencial para mergulhar na pesquisa. Cada nome desconhecido que era pronunciado em uma entrevista (muitas vezes por descuido) abria brecha para mais fontes em potencial, que sempre tinham algo a acrescentar. As idas ao Instituto de Saúde Mental (ISM), no Riacho Fundo, e ao Caps II do Paranoá foram momentos marcantes porque me mostraram que não basta ter conhecimento do fato, conhecer o lugar onde ele se desdobra traz uma nova luz de compreensão às questões abordadas.

O contato com a Secretaria de Saúde do DF foi fácil e garantiu a liberação do acesso às instituições almeçadas, apesar de a entrevista com o diretor de saúde mental, Ricardo Lins, ter demorado a acontecer devido à agenda concorrida do servidor. As maiores dificuldades consistiram em obter dados que legitimassem (ou contrariassem) aquilo que havia sido dito até então. Foi um processo de garimpo, no qual centenas de pesquisas se equilibraram para colorir um cenário até então coberto por neblina.

O processo de escrita do material se deu por etapas, sendo que a apuração aconteceu concomitantemente ao desenvolvimento do texto. Toda semana, eu conciliava as tarefas de captar novas fontes, pesquisar dados, fazer entrevistas, transcrevê-las e escrever o que seria mais um capítulo da história. O ritmo acelerado da produção da reportagem foi interessante no que diz respeito à ambientação da narrativa em um único tom, além de ter desencorajado a perda de foco. Por outro lado, a logística saiu comprometida porque, muitas vezes, informações importantes para os primeiros capítulos da história surgiam muito à frente na narrativa, o que causava uma quebra no ritmo e me obrigava a voltar no texto e modificá-lo. Foram dois meses de escrita intensa, dos quais surgiu o corpo bruto da história, que prescindia de refinamento da linguagem, correções e de detalhamentos apontados pelo orientador do trabalho.

7. Loucura e arte

Desde a concepção da ideia que daria origem ao livro reportagem, um dos questionamentos que guiou o trabalho foi: “Qual o lugar da expressão artística no tratamento das psicoses?”. Em *História da loucura*, Michel Foucault empreende uma viagem por diversas épocas e contextualiza o papel das psicoses. O autor então mostra que o lugar que a loucura ocupa dentro das sociedades é cultural, portanto, varia, sendo que o louco já foi considerado sábio, profeta e já esteve associado à comicidade. Depois da Idade Média, porém, foi atribuído a ele um caráter nefasto, como se transtornos mentais fossem tão contagiosos como os surtos de lepra e peste negra que assolaram o continente europeu.

Os estudos da obra da psiquiatra Nise da Silveira representaram uma revolução íntima e transformaram a minha forma de compreender as psicoses. No livro *Imagens do inconsciente*, a médica defende a importância de terapias artísticas no tratamento de transtornos mentais, explica a trajetória dos estudos que deram origem ao ramo de terapia ocupacional e revolucionaram a forma de pensar a saúde no Brasil. Grande admiradora da obra do psiquiatra suíço Carl G. Jung, Nise uniu conhecimentos com os do pai da psicologia analítica e empreendeu um mergulho profundo nas motivações do inconsciente. Assim como Jung, a alagoana acreditava que a melhor maneira de lidar com impulsos oriundos do inconsciente era os expressando e os confrontando, para, depois, tentar integrá-los à consciência. Nesse processo, as imagens adquiriam um valor especial:

É princípio fundamental do método terapêutico jungueano que o indivíduo procure traduzir as emoções em imagens – isto é, procure encontrar as imagens que estão ocultas nas emoções. Dar forma objetiva as imagens subjetivas, às experiências internas é estar no caminho da cura. A apreensão de imagens, sua retirada da torrente avassaladora de conteúdos do inconsciente, permitirá que elas sejam despotencializadas de sua força desintegradora e que sejam confrontadas. Essa apreensão de imagens poderá ser feita por intermédio de múltiplas atividades espontâneas: pintura, escultura, dança, bordados, figuras talhadas em madeira etc. (Silveira, 1966, p. 34)

O estudo da biografia dos autores de obras artísticas adquiriu popularidade, porém, com o psiquiatra austríaco Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Em um estudo sobre *A arte nos loucos e vanguardistas*, publicado em 1934, Osório Cesar escrevia:

Da mesma maneira que se estuda o pensamento simbólico no sonho também no artista que, segundo Freud, é um extrovertido próximo à neurose, o estudo analítico do simbolismo estético possui idêntico valor da interpretação onírica. Tanto é assim que Freud, num longo e curioso trabalho analítico sobre Leonardo da Vinci, conseguiu descobrir nos seus quadros, os anseios reprimidos de sua infância (Cesar, 1934, p. 52)

Mais do que mananciais de qualidades estéticas, os quadros produzidos por pacientes no Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, representaram para Nise da Silveira valiosos objetos de estudo. Com os canais de comunicação tradicionais (como a linguagem) muitas vezes inacessíveis devido às psicoses, homens e mulheres internados na instituição encontravam nos pincéis e nas tintas uma forma de se comunicar com os outros, externar/expressar a angústia vivenciada e, assim, descobriam formas de reordenar a psique.

Apesar de Nise ter concluído grossa parte de seus estudos ainda na década de 970, destacando-se como pioneira no Brasil e no mundo, a ideia de tratamento humanizado é, até hoje, estranha a muitos hospitais psiquiátricos. Além do fechamento progressivo de manicômios, determinado pela Lei da Reforma Psiquiátrica, seria necessária uma mudança de mentalidade em todos serviços de saúde, até nos substitutivos, que foram criados com intuito revolucionário, mas, em muitos casos, acabaram por reproduzir as formas de tratar o paciente utilizadas largamente em instituições psiquiátricas do século XX. O respeito à individualidade, conhecimento da biografia e incentivo à expressão – assim como o costume de só recorrer à medicação em casos extremos – foram alguns dos valores que se popularizaram com a eclosão de movimentos sociais, reconhecidos como luta antimanicomial.

No livro *O que é a loucura?*, o psiquiatra norte-americano Daniel Leader propõe uma nova maneira de pensar as psicoses:

Por mais válidas que acreditemos serem essas concepções da doença e da saúde, certamente devemos levar a sério a vida íntima e as crenças de cada pessoa e evitar impor-lhe a nossa visão de mundo. Essa é a diferença entre a higiene mental, na qual sabemos de antemão o que é melhor para o paciente, e a psicoterapia, na qual não o sabemos. (Leader, 2013, p.34)

Deste modo, o autor defende que, somente com extenso conhecimento da biografia dos pacientes é possível diagnosticá-los. Leader também frisa que a classificação diagnóstica deveria se enquadrar às necessidades do paciente, e não o contrário, como é recorrente no sistema de saúde brasileiro devido à falta de médicos.

É fácil perder de vista a violência que entra em jogo aqui, mas ela se faz presente toda vez que tentamos esmagar o sistema de crenças de um paciente, impondo-lhe um novo sistema de valores e políticas. Poderíamos contrastar isso com uma abordagem que busca não os erros, mas a verdade de cada relação da pessoa com o mundo, e o esforço para mobilizar o que há de particular na história de cada um, a fim de ajudá-lo a se engajar novamente na vida: não para adaptá-lo a nossa realidade, mas para descobrir em que consiste a dele e de que modo isso lhe pode ser útil. (Leader, 2013, p.34)

8. Aproximação das fontes

Creriosa a respeito de quem entra em hospitais psiquiátricos e com quais intuitos, a Secretaria de Saúde é responsável por negar ou permitir entrevistas com funcionários indicados por eles, mas, quando o requerente pede para se aproximar dos pacientes, o pedido é rotineiramente negado. A razão da recusa do órgão é fundamentada na proteção dos internos, que podem ser psicologicamente afetados pelo convívio com a imprensa. Por outro lado, a dificuldade de conhecer sequer as dependências do Hospital São Vicente de Paulo representou uma ausência na reportagem, que conta com relatos de pessoas que viveram, em algum período da vida, a internação, mas peca ao expor perspectivas daqueles que vivem nos hospitais psiquiátricos remanescentes.

Desde o primeiro momento, quando meu pedido de convívio com os pacientes do hospital localizado em Taguatinga Sul foi negado, percebi o quão sensível é o tema sobre o qual decidi me debruçar. Um dos maiores aprendizados durante o desenvolvimento da reportagem foi o respeito à vida alheia, pois não se trata apenas de dados, de modo que as experiências e pensamentos íntimos de uma pessoa entram em primeiro plano. Para tratar de cuidado com a fonte, ninguém melhor que a jornalista Eliane Brum, que, em uma entrevista intitulada *Eliane Brum e a arte da escuta*, descreve a importância dos diálogos mudos.

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. (Em questão, 2011, pág.311)

A organização não governamental (ONG) Inverso foi um grande achado no que diz respeito à prospecção de fontes, porque, além de agregar pessoas com experiências de vida diversas, é receptiva a estudantes. Sempre dispostos a falarem comigo, os frequentadores da iniciativa acreditam no potencial transformador da informação, e não tiveram dúvidas antes de se oferecer para participar da reportagem. Por falta de tempo, não consegui compilar todos os relatos com que entrei em contato, mas o convívio com aquelas pessoas foi uma experiência transformadora e representou, a nível pessoal, motivo para ter esperança em meio a tantas razões que incentivam a descrença.

O objetivo dos perfis traçados no livro não é convencer o leitor que cada palavra proferida pelos personagens por meio de relatos é verdadeira e incorruptível, e sim que aquela é a maneira como eles se sentem, e que é uma percepção válida. Ao nos aproximarmos de universos particulares com atenção para não alterar a forma como a fonte proferiu certa palavra, frase ou expressão, nós, agentes da notícia, entregamos ao leitor histórias sinceras, pois transmitem aquilo que o interlocutor quis expressar, da maneira como ele escolheu fazê-lo. No livro *A apuração da notícia*, Luiz Costa Pereira Júnior diz:

[...] métodos de investigação na imprensa, afirma que a entrevista é uma forma de narrativa plena. Busca uma carga a mais de significação sobre os fatos – um ângulo íntimo, “de dentro” – considerada privilegiada, não necessariamente verdadeira. Não se acredita propriamente na veracidade do relato, mas não pode haver dúvidas sobre a legitimidade do interlocutor. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p. 100)

9. Documentos e fotos

As fotografias não estavam previstas no pré-projeto do livro, tampouco foram meu foco durante os meses de apuração. A ideia inicial era apresentar ao leitor texto corrido sem trégua, sem uma única imagem para acalento do olhar. Eu, particularmente, não sinto falta de imagens quando o material que leio é descritivo o bastante para me fazer imaginar cenário e personagens com todos os requintes e particularidades. Quando cessei a escrita, porém, percebi que fotografias seriam uma ótima forma de respiro, além satisfazerem a curiosidade que a escrita muitas vezes não é capaz de saciar.

O papel do fotojornalismo dentro da reportagem é nobre, pois complementa o texto e, assim como ele, providencia ao leitor informações, senão indispensáveis, significativas. Apesar de sempre ter tido dificuldade para trabalhar com a imagem reparei, depois da reflexão, que havia tirado algumas fotos desde que começara a apurar, e que algumas eram ‘aproveitáveis’. Com a ajuda de pessoas que entendem mais sobre recursos imagéticos, selecionei alguns instantâneos que estavam em meu poder e, na semana final antes do fim do *deadline*, aventurei-me a preencher os espaços faltantes. Apesar de nunca ter sido o foco do livro, não tenho dúvidas que o acréscimo visual conferiu outro tom à reportagem, apesar de a ação não me redimir pelas falhas cometidas ao longo do processo, evidentemente.

As imagens de Rodrigo de Souza Leão foram obtidas por meio do acervo pessoal da família e de Ramon Mello, o curador da obra do artista. Muito prestativos, os envolvidos não apresentaram resistência ao ceder fotos e, assim, contribuíram com um diferencial do livro. As fotografias da ONG Inverso e de seus membros foram tiradas durante as oficinas e atividades a pedido dos próprios personagens. Já as imagens do Instituto de Saúde Mental foram fabricadas durante uma visita ao local motivada exclusivamente a produzi-las. Apenas o Hospital São Vicente de Paulo apresentou resistência ao pedido de fotografar as dependências.

10. Considerações finais

Hoje, depois de ter concluído a reportagem, vejo *A dois metros do chão* como o prelúdio de histórias que ainda pretendo escrever. O que começou como um interesse ou curiosidade superficial adquiriu contornos densos, e, hoje, tenho certeza que não terei uma vida plena se não trabalhar com algo relacionado à saúde mental, assim como sei que, caso fique longe das artes plásticas, o sentimento de completude me será para sempre estranho. Reflexões que eu julgava restritas à redoma dos meus pensamentos se mostraram pré-existente, pois encontrei em livros, telas e poemas, fragmentos de quem sou.

O trabalho me mostrou que o movimento em direção ao outro também é interno, aprofundado, e diz respeito a todos nós, porque não estamos dissociados de algo maior. Foi extremamente doloroso finalizar o livro, porque sentia no meu íntimo que ele ainda não estava pronto, pois, apesar de ter derramado sobre as folhas todas as informações que consegui reunir no tempo hábil de apuração, sabia que ainda havia muito a ser dito. Talvez este feito tão gratificante – apesar de modesto – possa se desdobrar e o tema que eu julgava assunto para um trabalho final seja fonte de realização vindoura.

Desde a literatura, os autores que me direcionaram para a ‘naus dos loucos’ serão para sempre meus mentores, assim como as grandes figuras que descobri por causa do projeto, como Nise da Silveira, Franco Basaglia e Michel Foucault. Uma das lições mais valiosas foi a de não deixar de entrar em contato com outras poéticas ou realidades por causa de rótulos, de tipificações que nos desencorajam a conhecer pessoas que carregam, cada uma, universos inteiros no olhar. O respeito à privacidade e ao sofrimento de terceiros também era algo que eu conhecia bem na teoria, mas que nunca compreendi até que chegou o momento em que tive diante de mim dilemas éticos relacionados à exposição de fontes.

A aproximação das pessoas que me cativaram e para quem eu queria direcionar minha curiosidade foi um desafio imenso. Aprendi que nem tudo é a imposição, gana de saber, de inquirir, e que grande parte da reportagem se faz em silêncio. Ao ouvir o que o outro tem a dizer, mesmo que não esteja diretamente relacionado à demanda da reportagem, ganha-se muito, tanto que é possível se deparar com histórias inesperadas, inéditas, que só foram compartilhadas devido ao vínculo que se construiu. Entendi, finalmente, que eu não decido o que é relevante e o que é dispensável para a reportagem, eu não controlo cada aspecto das respostas para que as pessoas que me falam preencham demandas pré-determinadas. Ouvir é

experimental, dar brechas ao acaso, aprender e, sobretudo, respeitar o tempo e a vontade de cada um. O resgate na minha vivência desta forma sensível de fazer jornalismo foi essencial para que continuasse inspirada e com fé no futuro da profissão.

O impulso inicial de todo repórter em campo é encontrar inconformidades e fazer denúncias, quebrar o toldo harmônico com esperança de garantir melhorias. A minha pretensão não foi outra quando iniciei o trabalho, mas, além da vontade de promover transformações, entendi que é fundamental desvendar as causas do problema, mesmo que elas sejam múltiplas e intrincadas umas nas outras. Além de ação, é necessário estudo, disposição para aprender e não se restringir a uma única versão da história, porque todas são válidas quando queremos reduzir a distância entre nós e a realidade.

Deixo a universidade com a convicção que o jornalismo só faz sentido quando direcionado às necessidades da coletividade, e se estiver comprometido com os ideais de respeito e dignidade da vida humana. Encurtar as pontes que separam as pessoas, ampliar o universo de cada um até que, por meio da informação, os leitores compreendam melhor a sociedade em que vivem, não deve ser taxado de utopia ou idealismo. Para pautas relevantes com apuração minuciosa e perspectiva inovadora nunca faltarão leitores. Assim, abrem-se brechas em obstáculos considerados intransponíveis e é possível, além de sonhar, fazer apelos pela transformação.

11. Referências bibliográficas

Livros

ASSIS, Machado de. **O alienista**. São Paulo: Penguin Companhia, 2014.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Santa Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARRETO, Lima. **O cemitério dos vivos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, _____. **O olho da rua**. São Paulo: Globo Editora, 2008.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CESAR, Osório. **A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos nas artes**. São Paulo, 1929.

FITZGERALD, Zelda. **Esta valsa é minha**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1996.

LEADER, Daniel. **O que é a loucura?** São Paulo: Zahar, 2013.

LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

LEÃO, Rodrigo de Souza. **Me roubaram os dias contados**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. São Paulo: Vozes, 2015.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAGE, _____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. 4ª edição. São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, _____. **Livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Teses/ dissertações

AMARANTE, Paulo. **Psiquiatria social e Colônia de Alienados no Brasil (1830 – 1920)**. 1982. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

ARTE, LOUCURA E CIÊNCIA NO BRASIL: **As origens do Museu de Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro, 2003, DIAS, Paula Barros. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.